

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Mudanças no padrão tradicional da família.

Angelita Alves de Carvalho¹, José Eustáquio Diniz Alves y Suzana Cavenaghi.

Cita:

Angelita Alves de Carvalho¹, José Eustáquio Diniz Alves y Suzana Cavenaghi (2009). *Mudanças no padrão tradicional da família*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/716>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/Wn1>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Mudanças no padrão tradicional da família

Angelita Alves de Carvalho¹,

José Eustáquio Diniz Alves²

Suzana Cavenaghi³

INTRODUÇÃO

Diante do processo avançado de transição demográfica pelo qual encontram-se vários países europeus e no qual o Brasil está se direcionando é importante considerar, discutir e analisar as conseqüências das principais mudanças da dinâmica demográfica, como a redução da fecundidade e aumento da longevidade, sob diferentes grupos. De acordo com Camargos (2008) um dos pontos de vista diz respeito às modificações nos arranjos familiares ou domiciliares, que se dá principalmente pela diminuição do tamanho da família, reflexo da redução da fecundidade, e o aumento da longevidade, que por sua vez, podem contribuir para uma crescente formação de arranjos do tipo unipessoal.

Muitos estudos internacionais têm se dedicado ao tema família em diferentes aspectos. O estudo recente de Hedican (2006), retrata os determinantes do tamanho e composição das famílias, especificamente o caso dos imigrantes irlandeses, no século XIX da zona rural do Canadá, para os quais o autor discute e reafirma a forte relação entre o tamanho das famílias e o tamanho das

¹¹ Estudante do mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisa Social oferecido pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas - angelita_alves_carvalho@hotmail.com

² Professor orientador da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - jedalves@ibge.gov.br

³ Professora co-orientador da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - suzana.cavenaghi@ibge.gov.br

propriedades rurais. Por fim ele relaciona também a diminuição do tamanho das famílias devido a mudança do mundo rural para o urbano, onde as novas relações, tanto sociais e econômicas, acabaram por contribuir para a diminuição do tamanho e composição das famílias.

Os estudos na América Latina de Arriagada (2007) fornecem um panorama do tamanho e da composição das famílias e domicílios, revelando que as famílias nucleares, apesar de ainda terem maior predominância, estão reduzindo (63,1% pra 61,4%), fato que se deve às diferentes constituições familiares. Também tem diminuído as famílias nucleares biparentais com filhos (46,3% para 41,1%), o que se explica pelo crescimento das famílias monoparentais com filhos de chefia feminina. A autora ainda revela a diminuição das famílias estendidas e compostas, bem como o aumento dos domicílios sem família (11,5% para 14,8%), principalmente para os domicílios unipessoais (6,7% para 9,7%), que estão relacionados aos processos de individualização, característicos da modernidade, onde aumenta-se o número de pessoas que por opção vivem sozinhas e também os jovens que cada vez mais adiam o casamento.

Mais especificamente, no Brasil, o estudo de Berquó e Cavenagui (1988) retrata o aumento das famílias pequenas como resultado da redução da fecundidade e da mortalidade, esta garante mais tempo de vida aos adultos, que vivem então como casal ou sozinhos, contribuindo também para aumento dos domicílios com duas ou só uma pessoa. Mais recentemente Medeiros e Ozório (2002) afirmam que no Brasil há uma à limitação do espaço domiciliar a um espaço de coabitação de membros de uma única família, contudo não se deve fazer a uniformização dos arranjos domiciliares, pois a composição destes no Brasil vem se afastando do padrão conhecido como família nuclear e concluem dizendo que

“os arranjos estão tornando-se mais heterogêneos quanto à composição de seus núcleos, mais homogêneos quanto ao tamanho e à composição de suas periferias, e que os fatores relacionados à mudança na estrutura etária da população são as principais causas de redução do tamanho médio dos arranjos domiciliares” (MEDEIROS e OZÓRIO, 2002, p.7).

Nesse contexto de mudança nas estruturas familiares brasileiras, esta pesquisa teve como objetivo traçar um breve perfil dos arranjos domiciliares entre as décadas de 1987, 1997 e 2007. Contudo maior enfoque será dado ao arranjo conhecido como famílias unipessoais, para o qual será apresentada a taxa de pessoa só e o crescimento do número de moradores sozinhos segundo as seguintes variáveis: localização, classes de idade, sexo, escolaridade e raça/cor.

METODOLOGIA

Os dados utilizados foram os da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) dos anos de 1987, 1997 e 2007. Esta pesquisa é realizada anualmente pelo IBGE e integra o sistema de pesquisas domiciliares que tem como finalidade “a produção de informações básicas para o estudo do desenvolvimento socioeconômico do País. Estes dados foram tratados por meio do Banco Multidimensional de Estatística (BME) pertencente ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os quais depois foram trabalhados por meio do Excel. Posteriormente foram analisados por meio de análise descritiva.

RESULTADOS

A partir dos dados da PNAD (1987, 1997 e 2007) sobre os domicílios particulares permanentes pode-se notar no gráfico 1 que houve uma transformação nos tipos de arranjos familiares. Percebe-se que apesar de os casais com filhos (família nuclear) ainda serem o tipo mais comum, estes vem reduzindo sua participação total, confirmando os comentários feitos por Medeiros e Osório e Arriagada, os quais mostram em seus estudos a diminuição de participação do arranjo casal com filhos. E contrariamente vem aumentando a participação dos arranjos do tipo monoparental feminina (mãe com filhos) e a de casais sem filhos. Destaca-se ainda o aumento de outros tipos de arranjos (domicílios compostos, estendidas e unipessoais). Entre 1987 e 2007 (Gráfico 2) houve maior crescimento para o grupo de outros tipos de arranjos (dos quais se destacam principalmente os domicílios unipessoais), seguido do tipo casais sem filhos e monoparental feminina. Observa-se ainda o baixo crescimento do arranjo tipo casais com filhos (42%), ou seja, a típica família nuclear apresentou um crescimento menor do que do total de arranjos (82%).

Com relação ao número de pessoas no domicílio entre os anos de 1987, 1997 e 2007 (Gráfico 3), notar-se que apesar dos domicílios com 4 a 5 pessoas ainda serem os mais representativas dentro do total dos domicílios brasileiros, seu número vem caindo desde 1987. Houve ainda uma grande diminuição dos domicílios com seis e mais pessoas, as quais em 1987 era o segundo grupo mais representativo e em 2007 passou a ser o menor grupo. É notório ainda o aumento do número de domicílios com uma e duas pessoas. No gráfico 4, verifica-se que o Norte e o Nordeste ainda são as regiões que mais possuem domicílios com 6 e mais pessoas. O Centro Oeste vem acompanhado a tendência do Sul e Sudeste, apresentado já em 2007 maior número de domicílios unipessoais.

Ao se analisar o crescimento do número de domicílios, nota-se que houve entre 1987 e 2007 um crescimento de 82% destes. No Gráfico 5, observa-se que o maior acréscimo foi entre aqueles domicílios com uma pessoa (212%), seguidos dos de duas (168%) e três (146%) pessoas. É notório ainda o decréscimo dos domicílios com mais de seis pessoas, os quais atingiram queda de -32% entre 1987 e 2007. Com relação à desagregação por localização rural/urbano percebe-se que o crescimento dos domicílios foi muito maior na zona urbana (107%) do que na zona rural (12%). Destaca-se o a diminuição maior no campo dos domicílios com seis e mais pessoas do que nas cidades. Assim como nas cidades, no campo também foram os domicílios unipessoais que apresentaram maior crescimento. E no gráfico 6, percebe-se que a região Norte foi a que apresentou maior crescimento no número de domicílio, independente do total de componentes, inclusive apresentando crescimento para aqueles domicílios com 6 e mais pessoas, o qual para todas as outras regiões apresentou decréscimo entre estas décadas. Também vale destacar o crescimento de mais de 300% da Região Centro Oeste para os domicílios com uma pessoa.

Especificando agora o grupo de moradores que residem sozinhos, o Gráfico 7 revela que a taxa de pessoa só vem aumentando para todos os grupos etários. Percebe-se que no geral a taxa é mais concentrada nas faixas etárias mais elevadas assim como afirmou Camargos (2008) “...no Brasil, tem se verificado, ao longo do tempo, um número e proporção crescente de pessoas vivendo em domicílios unipessoais em todas as faixas etárias do conjunto da população de 60 anos e mais”.

Quando se analisa (Tabela 1) a taxa de pessoa só de acordo com o sexo, percebe-se que de forma geral ela é maior entre os homens do que entre as mulheres. Contudo quando se observa as classes de idade observa-se que isso ocorre somente nas primeiras idades, pois a taxa se inverte a partir da classe 55 a 59 anos, tornando-se bem mais elevada para as mulheres, principalmente nas classes acima de 70 anos. As mulheres passam a serem maioria apenas a partir dos 50 anos e mais, o que provavelmente, se deve às questões relacionadas a dissolução de casais seja, pelo aumento do número de separações, seja pelo aumento da proporção de viúvas/viúvos, que se inicia principalmente nesta fase.

Com o gráfico 8 pode-se notar que de forma geral entre 1987 e 2007 o crescimento de famílias unipessoais é maior entre as faixas de 40 a 50 anos. De acordo com o IBGE (2007), o número de idosos que moram sozinhos no Brasil vem crescendo sistematicamente, alcançando, em 2006, a proporção de 13,2%. A população de 60 anos e mais, em 2006, foi responsável por 40,3% dos domicílios unipessoais brasileiros. Quando se analisa por sexo, apesar da taxa de pessoa só nas

primeiras idades ser maior para os homens, vem crescendo com grande destaque o número de mulheres que vivem sozinhas nos grupos mais jovens. Até a classe etária de 25 a 29 houve maior crescimento das pessoas sozinhas entre 1987 e 2007 para as mulheres, se destacando a classe de 20 a 24 onde o crescimento chegou a mais de 170%, enquanto para os homens nesta mesma faixa etária o crescimento foi de pouco mais 60%. A partir da classe de 30 a 34 anos são os homens que passam então a apresentar um maior crescimento que se estende até mesmo para as classes mais elevadas (exceto para as classes de 50-54 e de 70 e mais). De forma mais clara o gráfico 9 mostra o crescimento da população total e o crescimento das pessoas sozinhas, nele fica claro que a o crescimento desta população foi superior em todas as classes de idade, principalmente entre na classe de idade entre 40 e 50 anos.

A taxa de pessoa só é maior para as pessoas da zona urbana. Contudo quando se analisa a diferença entre os sexos percebe-se que os homens continuam sendo os que moram mais sozinhos, principalmente na zona rural. Já nas cidades até 1997 eram as mulheres que moravam mais sozinhas, o que se inverteu em 2007. Percebe-se que de independente da localização vem crescendo o número de pessoa só, principalmente na zona urbana (Tabela 2). O maior crescimento entre 1987 e 2007 se deu na zona urbana e entre os homens, tanto na zona rural quanto na urbana. Sendo que no campo a diferença de crescimento chegou a quase 50% entre homens e mulheres.

Entre as grandes regiões brasileiras (Tabela 3), percebe-se que a taxa de pessoa só é maior na região Centro-Oeste, Sul e Sudeste, respectivamente. Contudo no Centro Oeste a elevação da taxa se deve basicamente aos homens morando só, pois em todos os anos a porcentagem de mulheres no Sul e Sudeste sozinhas é maior do que no Centro-Oeste. Se destaca ainda a Região Sul com as taxas mais elevadas entre as idades mais avançadas. É notável ainda que nas primeiras idades a região Centro-Oeste é a que apresenta as taxas mais elevadas. Com relação ao crescimento de das pessoas sozinhas entre as regiões teve-se que a região Norte apresentou maior aumento (mais de 1500%). Em todas as regiões o crescimento foi maior para as mulheres, exceto nas regiões Sudeste e Nordeste.

Com relação a taxa de pessoa só por raça/cor (Gráfico 10) percebe-se que esta é maior entre a raça/cor preta, exceto pra o ano de 2007, onde a raça/cor amarela foi a que apresentou maior taxa. Percebe-se algumas mudanças no desenho da taxa, em 1997 houve uma a cor/raça amarela passou a ser maior do que a cor branca e em 2007 essa passou a se maior do que a cor/raça preta. Apesar da taxa de pessoa só ser maior entre a cor preta, a que apresentou maior crescimento foi a

cor/raça amarela, sendo que crescimento de pessoas sozinhas foi maior para mulheres em todas as categorias de raça/cor.

Com relação à variável anos de estudo, pode-se notar que a maioria das pessoas que moram sozinhas estão na categoria sem instrução ou com 15 anos ou mais de estudo e que apesar de apresentar aumento em todas as categorias de anos de estudo não houve modificação do panorama visto em 1987 para o de 2007. Em todas as categorias de anos de estudo a taxa é maior para os homens do que para as mulheres. Percebe-se ainda que o grupo sem instrução e de 1 a 3 anos de estudo sofreu uma inversão, pois em 1997 as mulheres eram estavam em maior número, já em 2007 os homens passaram a ser maioria. Com o crescimento das pessoas só por anos de estudo e sexo, observou-se que foi maior para os homens nas categorias sem instrução e de 8 a 14 anos. Contudo nas categorias de 1 a 7 e 15 e mais de estudo o crescimento foi maior para as mulheres. Destacando o grande crescimento para as mulheres no grupo de 15 e mais anos de estudo (crescimento mais de 800%). E de forma mais geral percebe-se que o crescimento das pessoas que moram sozinhas foi maior entre os grupos de escolaridade mais avançada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos têm mostrado, e este veio novamente confirmar que o tamanho dos arranjos familiares vem diminuindo no Brasil ao longo dos anos, no qual se destaca o crescimento dos arranjos unipessoais. De acordo com Medeiros e Osório (2002) essa queda do tamanho médio das famílias pode ser atribuída a vários fatores, tais como: aumento do número de separações (ou do crescente número de idosos que, cada vez menos, se agrega a outros núcleos familiares durante o período de seu envelhecimento), ou, ainda, da elevada queda da fecundidade observada no país nas últimas décadas. Assim a família, hoje, não deve ser vista somente sob a ótica clássica da família nuclear, pois novas estruturas familiares estão surgindo.

A tendência apresentada pela trajetória do tamanho das famílias indicou um aumento no número de unidades domiciliares com poucos membros (uma e duas pessoas) e redução do crescimento daqueles domicílios com mais de 5 pessoas. Com relação aos arranjos unipessoais a predominância conforme a classe etária está nas idades mais avançadas. No que diz respeito ao sexo, de forma geral ainda são os homens que moram mais sozinhos. Contudo quando a exploração é feita por distribuição etária, identifica-se maior número de mulheres sozinhas nas idades mais avançadas. Quanto à região geográfica, atualmente é o Centro-Oeste a região que apresenta maior número de pessoas sozinhas, contudo foi o Norte que apresentou maior

crescimento da taxa entre 1987/2007. No que diz respeito à escolaridade, há maior concentração de pessoas sozinhas entre o grupo de até 3 anos de estudo e de 15 e mais anos. Contudo o crescimento entre 1987/2007 vem sendo diretamente proporcional ao aumento do número de anos de estudo. Sobre a variável raça/cor, percebeu-se que a taxa de pessoa só é maior atualmente entre a raça/cor amarela, apresentando esta maior crescimento.

A tendência esperada dos domicílios unipessoais é de crescimento uma vez que estes passaram de quase 6,7% em 1987 para cerca de 11,5% em 2007. Camarano e Kanso (2003) já esperam um crescimento maior desse tipo de arranjo, devido ao envelhecimento populacional e em contrapartida, entre os jovens (15-29 anos), os quais estão adiando, cada vez mais, a idade de saída da casa dos pais em função da instabilidade do mercado de trabalho e a inconsistência das relações afetivas, os autores afirmaram que não apresentariam grande crescimento da taxa de pessoas sozinhas.

Contudo, pelo que se tem observado pode estar começando uma nova tendência de pessoas sozinhas, principalmente entre os adultos de 40 a 50 anos, pois foram os grupos etários onde o crescimento entre 1987/2007 de pessoa só foi maior. E, apesar de um crescimento menor do que o conjunto de pessoas sozinhas, há algumas evidências que apontam para uma tendência de crescimento de pessoas sozinhas entre os grupos mais jovens (até 29 anos), principalmente entre as mulheres (crescimento 188% entre 1987/2007). Esta possível tendência poderia estar correlacionada às mudanças nos valores familiares (gênero, casamento e filhos) principalmente às novas opções de vida das pessoas jovens, nas quais os interesses individuais vêm tornando-se prioritários. Tendências estas que se correlacionam com os estudos de Campus (1998) e Kramarow apud CAMARGOS (2008), os quais relacionam a tendência dos jovens só aos aspectos ligados à natureza cultural, ou seja, nas mudanças nos valores na sociedade, a qual passou a adotar e valorizar o individualismo em detrimento das obrigações familiares.

Tabela 1- Taxa de pessoa (%) só segundo sexo e classes de idade.

Grupos de idade	1987		1997		2007	
	homem	mulher	homem	Mulher	homem	mulher
20-24	1,6	0,5	1,7	0,7	2,0	1,0
25-29	2,2	0,8	2,7	1,1	3,7	1,7
30-34	2,3	1,0	3,1	1,2	4,5	2,0
35-39	2,2	1,1	3,4	1,4	4,8	1,8
40-44	2,3	1,3	3,6	1,8	5,1	2,2
45-49	2,6	2,2	4,0	2,7	6,0	3,2
50-54	3,5	2,9	4,0	3,8	6,0	5,3
55-59	4,5	5,3	5,2	5,7	7,5	7,5
60-64	4,5	7,3	5,5	8,7	8,0	10,5
65-69	5,8	11,3	7,9	12,2	9,7	14,6
70 e mais	8,8	15,1	9,8	17,7	12,3	19,6
Total	2,9	2,8	3,9	3,7	5,5	4,9

Tabela 1- Taxa de pessoa (%) só segundo sexo e classes de idade.

Grupos de idade	1987		1997		2007	
	homem	mulher	homem	Mulher	homem	mulher
20-24	1,6	0,5	1,7	0,7	2,0	1,0
25-29	2,2	0,8	2,7	1,1	3,7	1,7
30-34	2,3	1,0	3,1	1,2	4,5	2,0
35-39	2,2	1,1	3,4	1,4	4,8	1,8
40-44	2,3	1,3	3,6	1,8	5,1	2,2
45-49	2,6	2,2	4,0	2,7	6,0	3,2
50-54	3,5	2,9	4,0	3,8	6,0	5,3
55-59	4,5	5,3	5,2	5,7	7,5	7,5
60-64	4,5	7,3	5,5	8,7	8,0	10,5
65-69	5,8	11,3	7,9	12,2	9,7	14,6
70 e mais	8,8	15,1	9,8	17,7	12,3	19,6
Total	2,9	2,8	3,9	3,7	5,5	4,9

Tabela 3 - Taxa de pessoa (%) só segundo grandes regiões brasileiras e grupos de idade, Brasil 1987,1997 e 2007.

Grupo de idade	Norte			Nordeste			Sudeste			Sul			Centro-Oeste			Brasil		
	1987	1997	2007	1987	1997	2007	1987	1997	2007	1987	1997	2007	1987	1997	2007	1987	1997	2007
	20-24	0,6	0,75	1,41	0,93	1,14	1,31	0,93	1,09	1,39	1,44	1,29	1,80	1,80	1,95	2,88	1,02	1,20
25-29	1,4	1,88	2,48	1,49	1,55	2,06	1,31	1,92	2,73	1,53	1,88	3,05	1,84	2,57	4,04	1,46	1,86	2,67

30-34	1,64	1,57	2,60	1,23	2,08	2,68	1,78	2,07	3,33	1,36	2,04	3,50	1,96	3,01	4,38	1,61	2,13	3,20
35-39	1,30	1,47	2,70	1,44	2,18	2,86	1,90	2,49	3,42	1,27	2,07	2,94	2,26	3,24	4,29	1,66	2,38	3,22
40-44	1,18	2,60	2,90	1,47	2,56	3,50	2,04	2,65	3,59	1,19	2,68	3,64	1,62	3,28	4,71	1,79	2,67	3,61
45-49	1,39	2,06	4,79	1,86	3,36	4,12	2,89	3,13	4,61	2,03	3,34	4,46	1,57	4,36	5,33	2,40	3,29	4,53
50-54	0,00	0,00	3,71	2,57	3,63	4,79	3,57	3,80	5,90	2,51	4,69	6,32	4,01	5,06	6,92	3,18	3,90	5,66
55-59	1,92	2,12	6,16	4,49	5,67	6,58	5,29	5,38	7,94	3,98	5,16	7,39	5,02	7,29	8,66	4,95	5,45	7,47
60-64	0,00	4,98	7,47	5,90	6,32	7,46	6,29	7,44	10,04	5,26	8,20	9,77	5,57	8,07	11,85	6,02	7,23	9,33
65-69	0,00	6,98	9,65	7,88	9,88	10,62	9,22	10,35	12,46	8,24	10,82	14,39	9,26	10,34	15,82	8,72	10,20	12,36
70 e mais	9,53	12,53	10,45	11,50	13,55	12,58	13,31	14,51	18,37	15,76	19,55	12,99	13,60	17,08	12,30	14,27	16,55	
Total	1,46	2,36	3,65	2,74	3,66	4,25	3,04	3,82	5,60	2,26	3,85	5,77	2,86	4,11	6,11	2,86	3,76	5,17

Gráfico 1 – Proporção de Tipos de arranjos domiciliares em 1987, 1997 e 2007, Brasil.

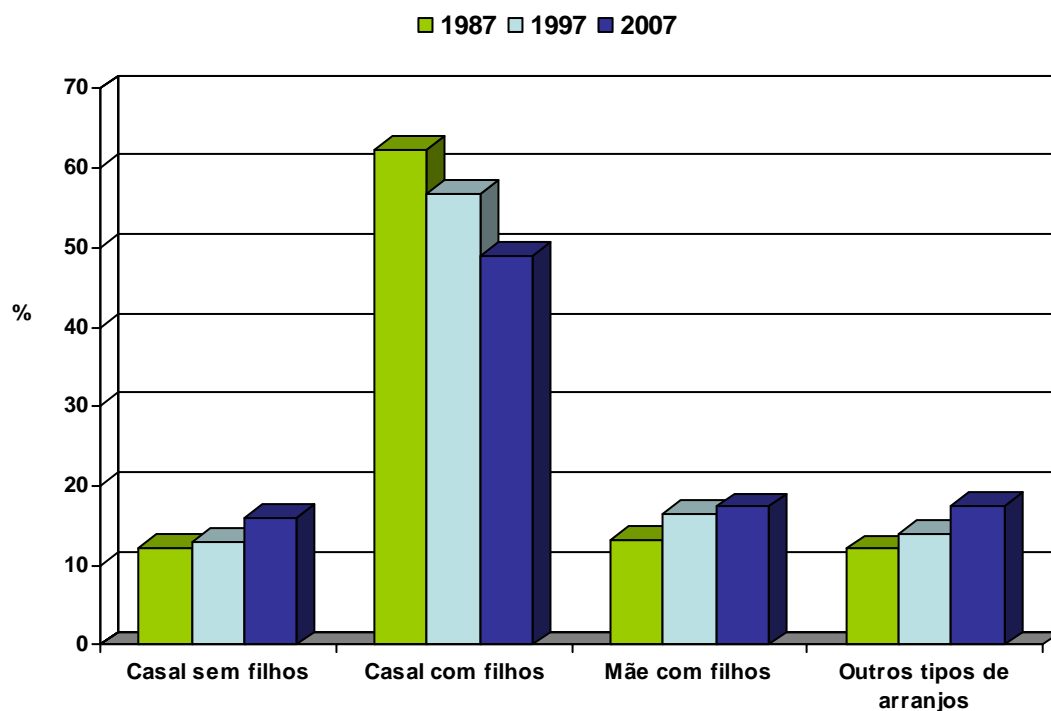


Gráfico 2 – Crescimento Relativo entre 1987/2007 dos tipos de arranjos, Brasil.

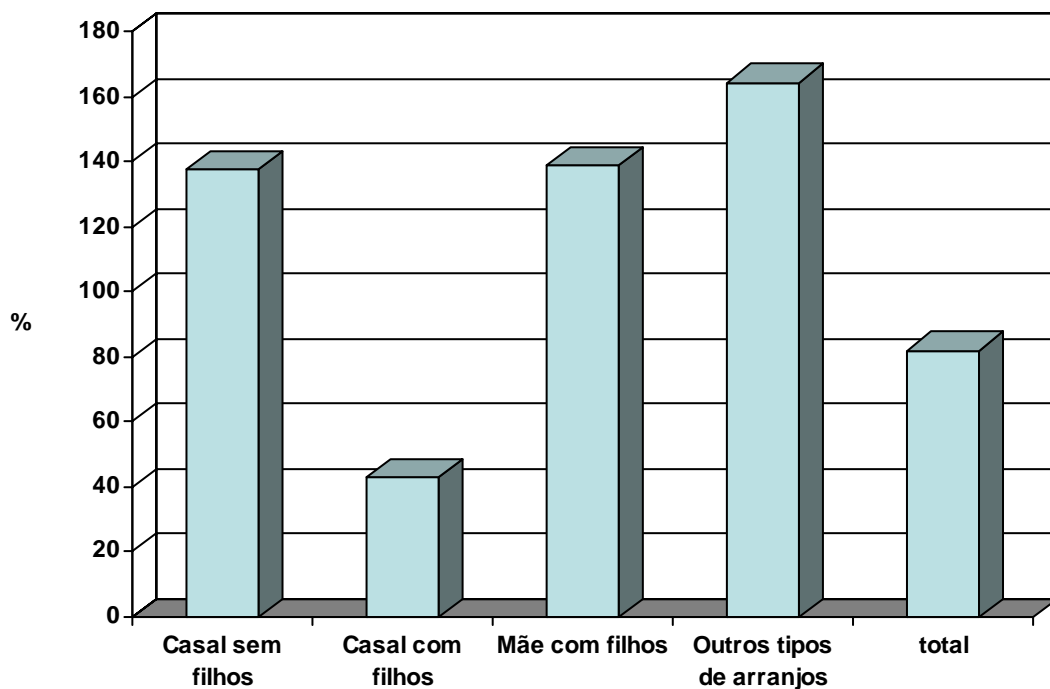


Gráfico 3 – Proporção de domicílios por número de componentes, Brasil 1987, 1997 e 2007.

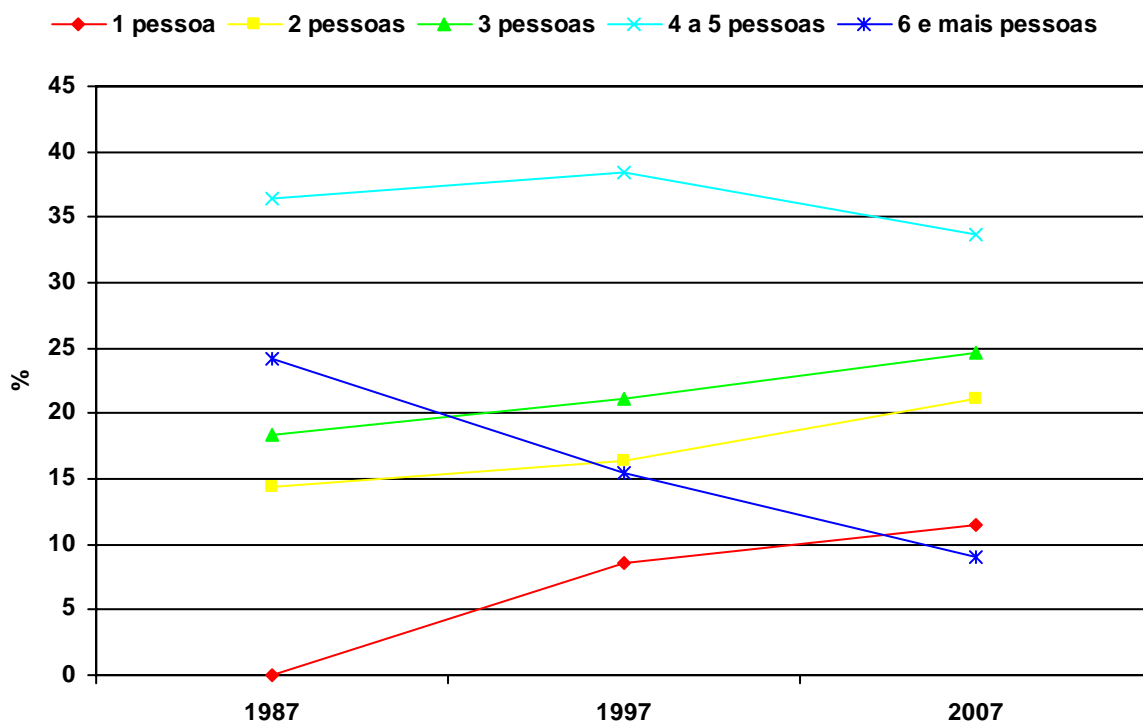


Gráfico 4 – Proporção de domicílios por número de componentes, Brasil e grandes Regiões 2007.

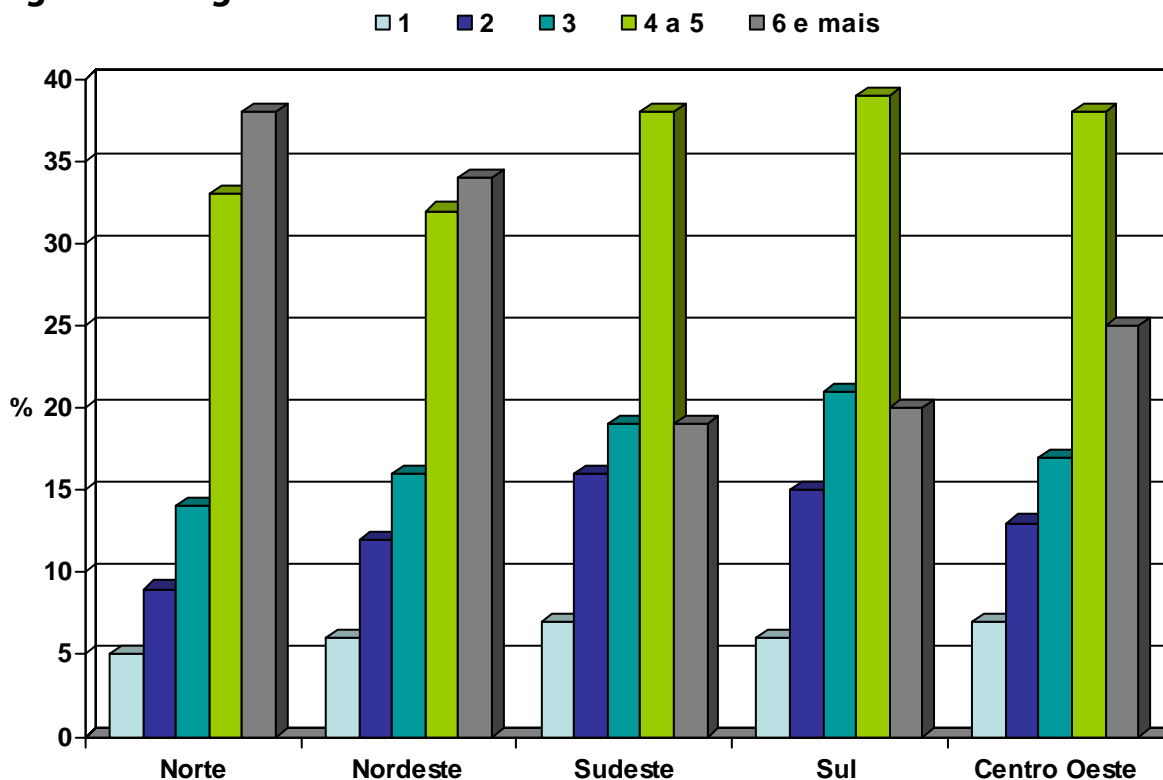


Gráfico 5 – Crescimento relativo entre 1987/2007 de domicílios por número de componentes, Brasil e localização Rural e Urbana.

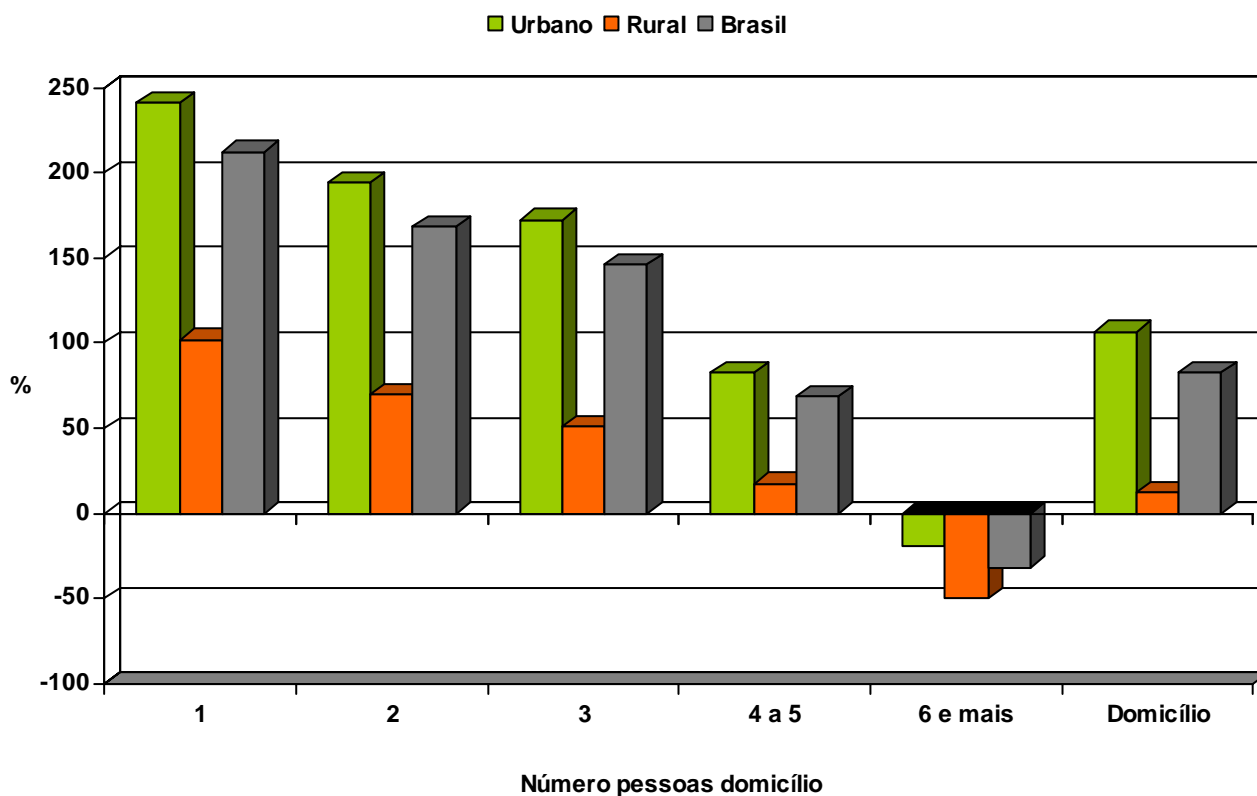


Gráfico 6 – Crescimento relativo de domicílios por número de componentes, Grandes Regiões Geográficas Brasileiras, 1987/2007.

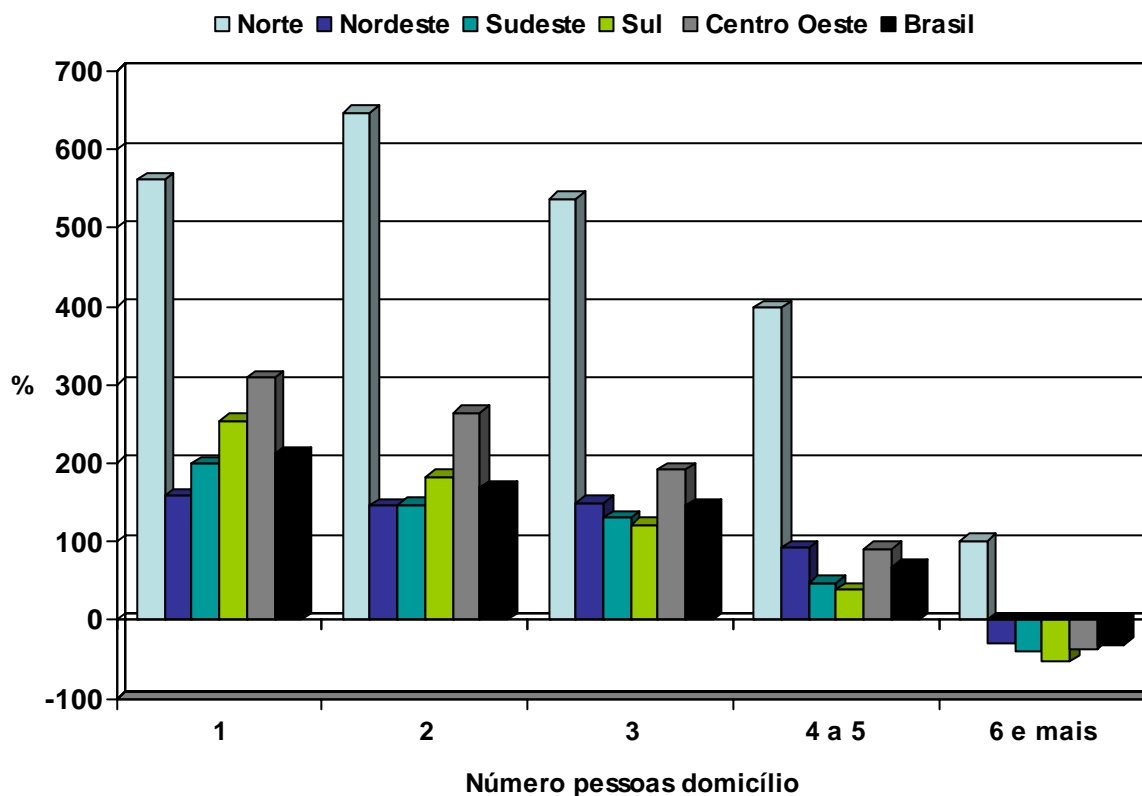


Gráfico 7 – Taxa de pessoa só (%) segundo grupos de idade, Brasil 1987, 1997 e 2007.

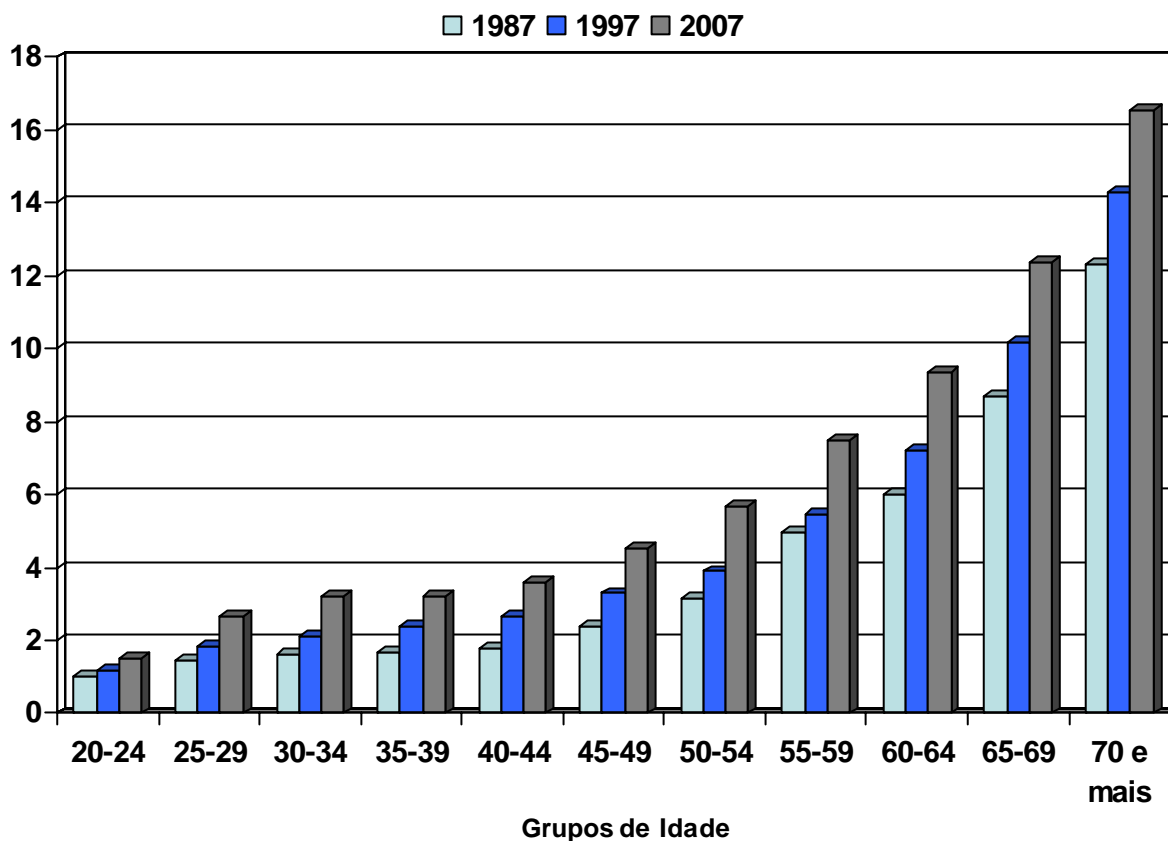


Gráfico 8 – Crescimento relativo, segundo sexo e grupos de idade, das pessoas que moram sozinhas entre 1987/2007, Brasil.

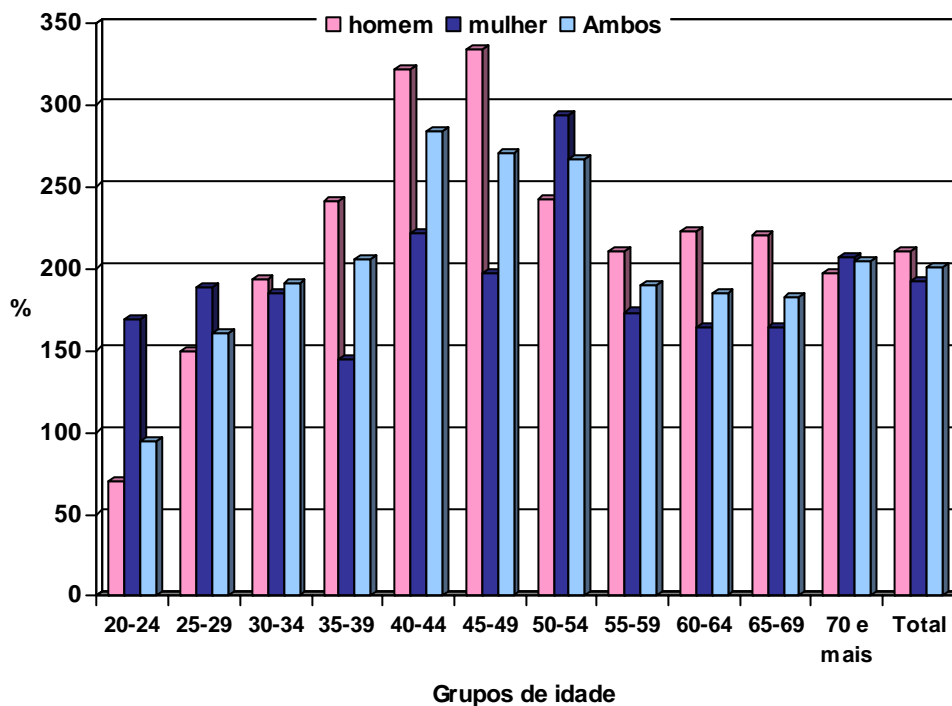


Gráfico 9 – Crescimento relativo da população total e da população sozinha, Brasil 1987/2007.

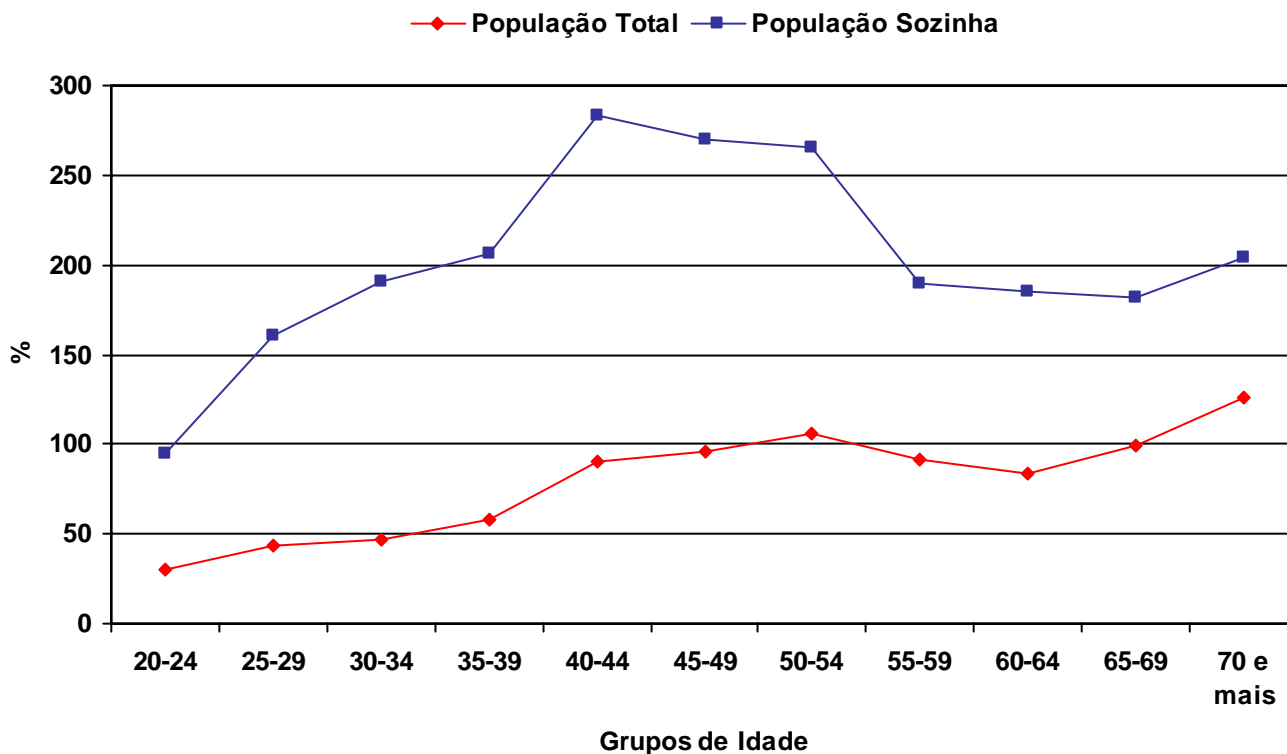


Gráfico 10 – Taxa de pessoas só (%) entre 1987, 1997 e 2007, segundo raça/cor*, Brasil.

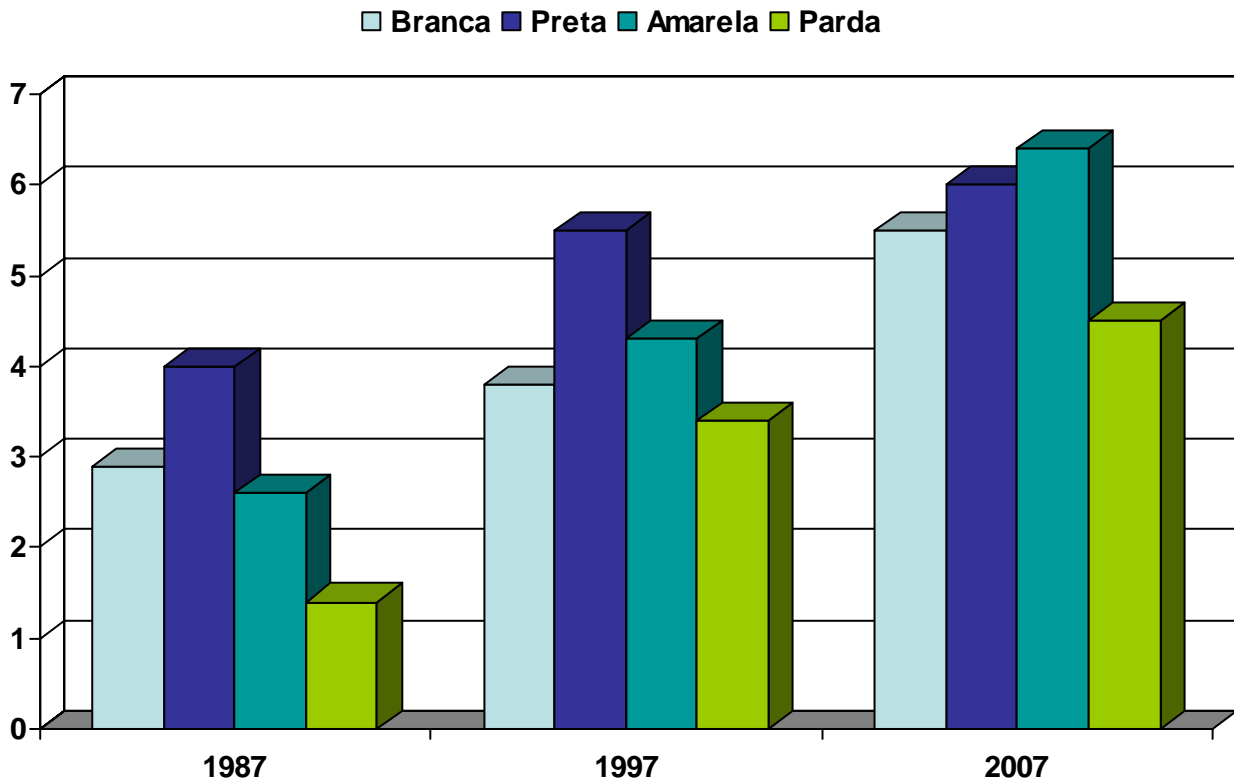
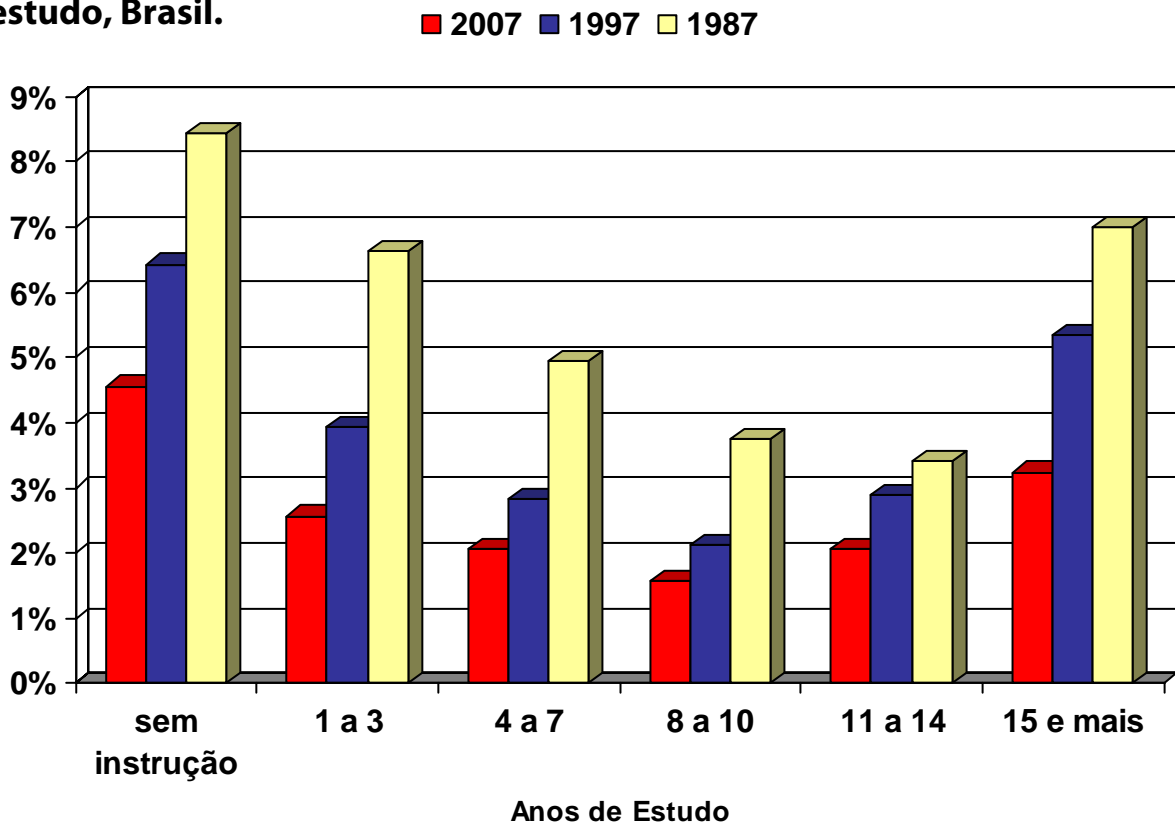


Gráfico 14 – Taxa de pessoas sozinhas entre 1987, 1997 e 2007, segundo anos de estudo, Brasil.



Referências

- ARRIAGADA, I. Transformaciones familiares y políticas de bienestar en América Latina. In: ARRIAGADA, Irma (org). **Familias y políticas públicas en América Latina: Una historia de desencuentros**, CEPAL, Santiago de Chile, 2007.
- BERQUÓ, E. S.; CAVENAGUI, S. M. Oportunidades e Fatalidades: Um estudo demográfico das pessoas que moram sozinhas. **Anais do VI Encontro de Estudos Populacionais**, Olinda, 1988.
- CAMARANO, A.A., KANSO, S. **Famílias com Idosos: Ninhos Vazios?** Texto para Discussão, n. 950, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), abril, 2003.
- CAMARGOS, M.C.S. **Enfim só: um olhar sobre o universo de pessoas idosas que moram sozinhas no município de Belo Horizonte (MG), 2007. 2008.** 2004. 138 f. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- CAMPOS, A. P. F. M. **Algumas características do perfil dos domicílios unipessoais no Brasil, Sudeste e Nordeste, 1980-1991.** 1998. 71f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- HEDICAN, E. J. What Determines Family Size? Irish Farming Families in Nineteenth-Century Ontario. **Journal of Family History**, Vol. 31 No. 4, October 2006, p. 315-334. Disponível em: <http://jfh.sagepub.com/cgi/content/abstract/31/4/315>. Acesso em: 26 de outubro de 2008.
- MEDEIROS, M. e OSORIO, R. **Mudanças nas famílias brasileiras: a composição dos arranjos domiciliares entre 1977 e 1998**, Texto para Discussão nº 886, IPEA, Rio de Janeiro, 2002.